

CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE PROFESSORAS ALFABETIZADORAS: DILEMAS DO COTIDIANO DOCENTE

Maria Daniela da Silva¹; Telma Ferraz Leal²

¹Estudante do Curso de Pedagogia CE – UFPE sigla da Universidade; E-mail: dhanielasilva@hotmail.com

²Docente/pesquisador do Depto de Métodos e Técnicas de Ensino – CE – UFPE. E-mail: tfleal@terra.com.br

Sumário: O objetivo deste subprojeto de pesquisa foi compreender como professoras alfabetizadoras organizam o ensino da leitura e da escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental e os princípios didáticos que orientam suas práticas. O estudo foi desenvolvido com seis professoras de escolas públicas de municípios pernambucanos, sendo três do primeiro ano e três do terceiro ano do Ensino Fundamental. Foram realizadas observações de 10 aulas de cada docente, seguidas de entrevistas semiestruturadas. Os dados evidenciaram que as professoras investigadas realizavam um ensino em que havia variação de situações didáticas, revelando um esforço de criação de estratégias pedagógicas que evidenciaram um afastamento de práticas mais tradicionais. No entanto, várias permanências quanto às práticas sintéticas de alfabetização caracterizadas como tradicionais foram encontradas, sinalizando para a importância do aprofundamento do debate sobre o tema e planejamento de ações de formação de professores pautadas no currículo vivido, mais do que no currículo prescrito.

Palavras-chave: alfabetização; ensino; prática docente;

INTRODUÇÃO

Compreender a prática docente não é uma tarefa simples, pois são muitos os condicionantes do cotidiano escolar e os professores são desafiados frequentemente a resolver dilemas, a tomar decisões, a construir estratégias de ação. Segundo Perrenoud (2002) e Schon (1992), a todo momento o professor precisa tomar decisões e muitas vezes agir na urgência. Para Certeau (1994), o docente procura diferentes maneiras de agir diante das normas que regem a realidade em que está inserido, desenvolvendo modos de contornar algumas prescrições para manter certa coerência pragmática em relação às suas próprias concepções. Desse modo, para os autores citados, os docentes precisam desenvolver competências que vão além dos conhecimentos sobre os conteúdos escolares, embora não prescindam deles.

Assim, para entender o cotidiano do fazer pedagógico, é necessário aprofundar as reflexões analisando situações de ensino, na busca de entender os princípios didáticos subjacentes às ações. Só por meio de análises qualitativas aprofundadas podemos nos aproximar de fato da complexidade que é o contexto da sala de aula.

Em relação à alfabetização, algumas pesquisas têm buscado analisar as “mudanças didáticas” relacionadas à alfabetização, na tentativa de apreender como os docentes “fabricam” suas práticas. Albuquerque, Morais e Ferreira (2008), Coutinho-Monnier (2009), Bryant e Bradley (1987), dentre outros, buscaram identificar diferentes modos de organizar o ensino da leitura e da escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental. De modo geral, mostraram que há efeitos positivos de se promover um ensino sistemático que aborde a reflexão sobre o sistema alfabético de escrita, o desenvolvimento da consciência fonológica, a leitura e a produção de textos.

Outras pesquisas apontam que, em relação ao contexto nacional, tais tipos de práticas não parecem ser predominantes nas escolas, pois os resultados das crianças em

avaliações de leitura evidenciam que os estudantes brasileiros têm dificuldades em compreensão de textos. Muitas são as possíveis causas para tal fenômeno. Pode-se supor que os docentes tenham dificuldades para ensinar o sistema alfabético de escrita ou para que as crianças consolidem a aprendizagem das correspondências grafofônicas e/ou que tenham dificuldades para ajudar as crianças a desenvolver habilidades de compreensão de textos.

Brooke (2008), Oliveira (2010) e Cruz (2012) identificaram baixa progressão de aprendizagem em turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental, sobretudo após a aprendizagem da base alfabética. Essas pesquisas apontam para a necessidade de aprofundamento de pesquisas nesta área, para uma compreensão mais ampliada sobre as práticas de professores alfabetizadores.

MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia de pesquisa adotada neste projeto foi de cunho quantitativo e qualitativo. Foram observadas dez aulas de cinco professoras e nove de uma professora que lecionavam nos anos 1 e 3 do ensino fundamental, sendo três professoras do ano 1 e três professoras do ano 3, totalizando 59 observações.

As professoras lecionavam em escolas públicas de três municípios pernambucanos: Lagoa dos Gatos, Camaragibe e Jaboatão dos Guararapes e tinham diferentes percursos formativos e tempos de experiência profissional.

As aulas foram gravadas e filmadas para elaboração dos relatórios, com base nos quais foram construídas categorias que apontaram contrastes entre as professoras e aproximações em relação aos modos como organizavam os tipos de atividades realizadas. Os princípios didáticos subjacentes à prática observadas foram inferidos com base na frequência de realização das atividades e das análises dos modos como organizavam o ensino.

Além das observações, também foram realizadas entrevistas, ao final de cada aula, com as professoras alfabetizadoras, com o objetivo de aprofundar as análises sobre suas práticas. As entrevistas também foram gravadas em áudio e transcritas e analisadas para este relatório.

RESULTADOS

Com base nos relatórios de aula elaborados a partir das anotações de campo e das transcrições das gravações das aulas observadas de cada docente, foi possível verificar que as docentes investigadas utilizaram variadas estratégias em sala de aula para alfabetizar as crianças, havendo diferenças entre elas, sobretudo considerando-se o ano de escolaridade. As professoras do ano 1 desenvolveram mais atividades que levavam os alunos a refletir sobre a apropriação do sistema de escrita alfabética (71 atividades no ano 1 e 31 atividades no ano 3). Tal dado é resultante da preocupação das docentes com o ingresso dos estudantes no mundo da escrita, sobretudo em relação ao domínio dos conhecimentos básicos sobre o sistema notacional.

As professoras do ano 3 também realizaram mais atividades de reflexão sobre a base alfabética (31 atividades) do que de produção de textos (16 atividades), mas em comparação com as do ano 1 (5 atividades), dedicaram mais tempo para o ensino da escrita de textos. Tal fato pode ser explicado por uma concepção de que o trabalho com escrita na alfabetização deve ser sempre voltado para o ensino da base alfabética.

Apesar de terem sido encontradas algumas atividades de produção de textos, considerando-se que foram analisadas 59 aulas, é possível concluir que a quantidade de

atividades de escrita é muito pequena, revelando a ausência de um ensino sistemático de produção de textos, sobretudo no ano 1 dos três municípios analisados.

No que concerne ao eixo de leitura, embora tenha sido bastante contemplada, foi possível concluir que as professoras do ano 3 além de terem realizado mais atividades (65 atividades) variaram mais as estratégias de atividades leitoras. As professoras do ano 1 realizavam muitas atividades (48 atividades), mas as estratégias eram mais uniformes.

Em relação ao eixo de oralidade, tanto no ano 1 como no ano 2 houve pouca dedicação das docentes e, conseqüentemente, pouca diversificação de situações. Via de regra, os alunos debatiam sobre algum tema levado pelas professoras.

DISCUSSÃO

Os resultados obtidos por meio das observações e entrevistas com as professoras evidenciaram que as formas de organização do trabalho pedagógico nos anos 1 e 3 dos municípios acompanhados eram diversificadas. Nenhuma turma realizava atividades pré-estabelecidas em programas prescritivos de formação de professores e nem rotinas características dos métodos sintéticos. Embora tenham sido encontradas algumas atividades típicas dessas abordagens, como o trabalho com padrões silábicos e cópias, essas eram misturadas a outras de natureza mais reflexiva.

Outro dado interessante foi que não foram encontradas atividades sem articulação a outras atividades. A forma de articulação mais comum foi a de atividades permanentes, como a hora da leitura, por exemplo. Em segundo lugar, foram as atividades sequenciais, que eram aquelas em que na mesma aula uma atividade dava origem à atividade seguinte. A preocupação das docentes em dar progressão às atividades foi bastante visível. No entanto, isso ocorria principalmente no interior de uma mesma aula. Foram poucas as atividades que faziam parte de sequências didáticas mais aprofundadas, em que determinados temas ou problemas são objeto de variadas atividades em um período mais longo para aprofundamento de estudos.

Os projetos didáticos também foram encontrados, sobretudo nas aulas de uma professora do ano 3. Essa professora tinha uma prática de maior aprofundamento das reflexões, em que os alunos tinham que se engajar em projetos para realizar atividades que culminavam em produtos a serem socializados na escola.

Em relação às atividades realizadas fora da sala de aula, houve incidência em três turmas. A diversificação de atividades simultâneas em pequenos grupos, considerando-se as necessidades dos estudantes também foi pouco recorrente.

Além de diversificarem os tipos de organização das atividades quanto às relações entre elas, também diversificavam os agrupamentos dos estudantes, embora tenha predominado nos dois anos as atividades individuais e em grande grupo com cadeiras enfileiradas, evidenciando indícios dos processos de permanências de estratégias escolares mais tradicionais. Apesar disso, outras formas de agrupamento foram encontradas e nas atividades coletivas, mesmo em cadeiras enfileiradas, havia uma maior disposição para a participação dos estudantes do que era mais frequente no ensino mais tradicional, centrado na exposição dos professores. As atividades coletivas em roda também mostram as marcas das mudanças pedagógicas.

A interação entre as crianças foi valorizada em várias aulas pelas professoras, assim como outros princípios pedagógicos que mostraram afastamento das professoras de perspectivas mais tradicionais de ensino.

CONCLUSÕES

Os dados analisados no âmbito deste subprojeto evidenciaram que as professoras investigadas realizavam um ensino em que havia variação de situações didáticas, revelando um esforço de criação de estratégias pedagógicas que evidenciaram um afastamento de práticas mais tradicionais. No entanto, várias permanências quanto às práticas sintéticas de alfabetização caracterizadas como tradicionais foram encontradas. Uma delas foi a presença de grande quantidade de atividades de cópia e de algumas atividades de memorização de padrões silábicos. Outra marca desse tipo de ensino foi a escassez de atividades de produção de textos, sobretudo no ano 1, que pode indicar uma concepção de que esse eixo de ensino só pode ser trabalhado após os alunos dominarem um suposto código escrito. A pouca atenção ao eixo da oralidade também pode ser uma evidência de permanência de um ensino centrado, sobretudo, em conteúdos mais estabelecidos nos currículos oficiais. Outra evidência de permanência foi a pouca presença de atividades diversificadas e de organização de trabalhos em projetos didáticos, sequências didáticas ou qualquer outra forma que implique em desdobramentos de atividades em diferentes aulas, de modo a haver um aprofundamento de temáticas que quebre o aligeiramento do excesso de conteúdos curriculares tão presente em currículos do Século passado. Por fim, a predominância de atividades individuais e coletivas em cadeiras enfileiradas também pode ser ressaltada.

Apesar dessas permanências, pode-se dizer que muitos avanços foram identificados, como a diversificação de situações didáticas, distanciadas das rotinas pré-estabelecida de atividades repetitivas, próprias de alguns programas de formação de professores pautados nos métodos sintéticos; a presença de atividades reflexivas de apropriação do sistema de escrita; a presença marcante de atividades de leitura de textos autênticos desde o primeiro ano do Ensino Fundamental e de algumas atividades de produção de textos; a presença de articulação entre as atividades vivenciadas em cada aula, rompendo com a presença de atividades fragmentadas e soltas tão presentes há pouco tempo atrás; a realização de atividades em que as crianças eram desafiadas a interagir e resolver problemas em pequenos grupos, duplas ou mesmo em grande grupo, em situações de exposição dialogada.

Em sumo, esta pesquisa evidenciou que há mudanças nos modos como a alfabetização vem sendo vivenciada, mas há permanências que precisam ser mais bem compreendidas, para haver um maior aprofundamento do debate sobre o tema e planejamento de ações de formação de professores pautadas no currículo vivido, mais do que no currículo prescrito.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela ajuda na caminhada, ao CNPq pela concessão da bolsa, à minha orientadora Telma Ferraz Leal pelo empenho dedicado a orientação deste projeto, e ao grupo de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Eliana; MORAIS, Artur; FERREIRA, Andrea. As práticas cotidianas de alfabetização: o que fazem as professoras? In: **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, nº 38, p. 252-264, 2008.
- BROOKE, Nigel. A comparação das quatro ondas. Boletim GERES. Estudo Longitudinal da Geração Escolar 2005. Nº 4, Belo Horizonte, 2008.
- BRYANT, Peter; BRADLEY, Lynette. **Problemas de Leitura na Criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

- CERTEAU, Michel. A invenção do Cotidiano. A arte do fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- COUTINHO-MONNIER, Marília. O ensino do sistema de escrita alfabética: o que fazem professores que trabalham com diferentes metodologias? O que os alunos aprendem? **Tese de doutorado em educação**, UFPE, 2009.
- CRUZ, Magna do Carmo Silva. Tecendo a alfabetização no chão das escolas seriada e ciclada: a fabricação das práticas de alfabetização e a aprendizagem da escrita e da leitura pelas crianças. **Tese**. Doutorado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco. Recife: UFPE, 2012.
- OLIVEIRA, Solange A. Progressão das atividades de língua portuguesa e o tratamento dado à heterogeneidade das aprendizagens: um estudo da prática docente no contexto de ciclos. Recife, 2010. Tese de Doutorado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pernambuco, 2010.
- PERRENOUD, Philip. **A Prática Reflexiva no Ofício de Professor**: Profissionalização e razão pedagógicas. Porto Alegre (Brasil), Artmed Editora, 2002.
- SCHÖN, Donald. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. (org.) **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, p. 77-92, 1992.
- SOARES, Magda (2004). Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, 2004, n°25.
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Trad. Cláudia Schilling, 6^a ed. Porto Alegre: Artmed, 1988.